

## O léxico da moda no universo português e brasileiro: um estudo comparativo

The lexicon of fashion in the Portuguese and the Brazilian universe: a comparative study

Vivian Orsi<sup>1</sup>

**Resumo:** A moda espelha a contínua mudança da época em que se insere e as roupas são usadas como um instrumento social para afirmar o status econômico e o próprio papel em sociedade. Desse modo, também o léxico que a ela se refere reproduz essas alterações. Neste artigo apresentamos, especificamente, o estudo da relação entre a moda e a Linguística ao propormos reflexões sobre as diferenças lexicais referentes à nomeação das vestimentas e acessórios em duas comunidades escolhidas: a brasileira e a portuguesa. Tendo como base a Lexicologia e a Lexicografia, com a pesquisa proposta a partir de um corpúsculo advindo das revistas *Vogue Brasil* e *Vogue Portugal*, com vistas à elaboração de um vocabulário, refletimos sobre as unidades lexicais adotadas e sobre as dissonâncias entre o português europeu e o brasileiro.

**Palavras-chave:** Léxico da moda. Português europeu. Português brasileiro. *Vogue Brasil*. *Vogue Portugal*.

**Abstract:** Fashion reflects the ongoing change of times in which it unfolds and clothes are used as a social way of showing financial status and one's role in society. Its lexicon is therefore very dynamic, as fashion itself. In this paper, we aim to present, precisely, the study of the relationship between fashion and Linguistics by proposing reflections on the lexical differences of the naming of clothes and accessories in two communities: the Brazilian and the Portuguese. Based on the Lexicology and the Lexicography, the research proposed from a corpus from the magazines *Vogue Brasil* and *Vogue Portugal*, intending to create a vocabulary, we reflect about the lexical units adopted and the dissonances between the European and the Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Lexicon of fashion. European Portuguese. Brazilian Portuguese. *Vogue Brasil*. *Vogue Portugal*.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Letras Modernas, São José do Rio Preto, SP, Brasil. Endereço eletrônico: [vivian.orsi@unesp.br](mailto:vivian.orsi@unesp.br).

## Considerações iniciais

Neste artigo refletimos sobre a importância do conhecimento lexicológico, que tem como objeto de estudo o conjunto de palavras, ou seja, o léxico e sua categorização e estruturação. E, nesse contexto, pesquisamos o léxico da moda, com enfoque nas vestimentas e acessórios. Nossa justificativa se pauta na colocação de Wittmann, Pêgo e Santos (1995) sobre o fato de os estudos sobre línguas próximas não serem muito frequentes.

Faz-se necessário, primeiramente, traçarmos um percurso da moda e de sua formação no contexto português e brasileiro.

O uso da lexia, conforme destaca Vergani (2010), surgiu em 1482, sinalizando um tipo específico de vestuário. Apesar da pouca atenção dedicada ao léxico que se refere à moda, percebemos que, como colocado por Barthes (2005), “o vestuário humano é um assunto muito bonito de pesquisa ou de reflexão: é um fato completo em cujo estudo se recorre ao mesmo tempo à história, à economia, à etnologia e à tecnologia, podendo até ser uma linguística”. Vê-se, logo, que ela se firma como forma de comunicação, afetando a atitude da maioria das pessoas em relação a si mesmas e ao mundo (SVENDSEN, 2010).

Seu estabelecimento se deu de particular modo na França, com as transformações do Renascimento e com estímulo de um novo modo de conceber o mundo. O homem passou a ser o centro das reflexões, relegando a visão teocêntrica medieval anterior (ORSI; CARMO, 2015).

Ainda segundo Orsi e Carmo (2015), as cidades ganharam prosperidade e a burguesia gerou riqueza que despertou o gosto pelo luxo. Assim, a moda angariou força e suas mudanças foram socialmente mais sentidas. No final do século XVII, às mulheres burguesas foi atribuído o testemunho público do sucesso masculino, expressando-o por meio das roupas que usavam. O que foi tolhido do aspecto individual do homem foi dado ao vestuário feminino.

A produção do vestuário ao fim do século XVIII mostra as dificuldades encontradas por alfaiates e costureiras, o progresso dos maquinários e sua contribuição para o mercado têxtil. Nesse período, os alfaiates europeus tentavam usar formas geométricas e ideias de proporção e escalas, com a intenção de baratear o custo das peças.

O século XIX, conforme Brandini (2009), foi um momento de ruptura e adoção de novos valores. A moda se uniu à industrialização, o que propiciou sua difusão. Segundo Breward (1995), as inovações tecnológicas, a reorganização do comércio e a industrialização, ocorridas na modernidade, geraram mudanças profundas na concepção e expressão de moda na segunda metade do século XIX. A ideia de modernidade – simbolizando o futuro, o

progresso, o novo – motivou a disseminação do gosto pela moda, códigos sociais baseados na hierarquia do poder tradicional cederam lugar ao interesse de consumo da expressão de moda (ORSI, 2015).

No âmbito português, “De modo geral, a par das mudanças que ocorriam em todos os fatores da vida cotidiana, o traje e arte em Portugal, assim como outros fatores, refletem o internacionalismo das trocas e das divulgações das últimas novidades de todos os lados da Europa, principalmente França e Flandres” (FARIAS, p. 57, 2017).

Ainda,

Essencialmente imitativa, a moda portuguesa copiou os figurinos franceses nos começos do século XIV, e mais tarde, os ingleses, italianos e, sobretudo, borgonheses. Arcaizante, refletiu durante muito tempo a influência mulçumanda. Sofreu também o impacte das maneiras de vestir castelhana e aragonesa. (MARQUES, 1996, p. 466 *apud* FARIAS, 2017, p. 57)

Por isso, a história da moda de produção portuguesa é considerada recente e as primeiras referências de criação e publicações remontam ao início do século XX. Nesse momento, os ateliês de costura concentravam-se em Lisboa, com a confecção de roupas feitas sob medida. Conforme relata Gameiro (2017, p. 195), “Apesar de, pontualmente se verificarem pequenos avanços, que reflectiam o que se passava em Paris, em Portugal, o verdadeiro desenvolvimento da Moda só teve início em 1974, com o 25 de Abril e a instauração da democracia”.

No Brasil, até praticamente a chegada da família real portuguesa, em 1808, a moda em solo era uma tentativa de cópia do que era usado em Portugal, com momentos iniciais de influência da cultura indígena. E dessa forma prosseguiu, em particular com a proibição da instalação de indústrias de transformação pela coroa, que resvalou na não produção de itens de moda.

Assim, conforme Michetti (2012, p. 153), “a elite continuará a vestir-se com roupas vindas da Europa, ao passo que o restante da sociedade seguirá com seu uso de roupas feitas com as parcas matérias-primas disponíveis para esse efeito”. Para Chataignier (2010, 27), o trajeto dos tecidos que chegavam ao Brasil compreendia duas etapas: eram comprados em Portugal em lojas e vendidos no Brasil por mascates. Nesse momento, a Espanha era o grande modelo para a moda em boa parte da Europa, especialmente Portugal, e, por conseguinte, as elites das colônias espanholas e portuguesas das Américas. Já no fim do século XIX o modelo inspirador era o francês, para o universo feminino, e a Inglaterra, para o masculino.

No solo brasileiro, até meados da década de 80, antes da instituição dos cursos superiores de moda pelas escolas, o brasileiro que desejasse aprender sobre o assunto, ou o autodidata que desejasse aperfeiçoamento, eram obrigados a viajar ao além-mar, de onde não apenas vieram os primeiros artesãos trazidos pelos jesuítas em 1559, mas de onde continuaram a proceder os materiais, os métodos, a técnica e a tecnologia, e de quem nos habituamos e aprendemos a depender. (PIRES, 2002, p. 1)

Ao contrário daqui, foi somente na primeira década no século XXI a evidente evolução da Moda portuguesa com a implantação de cursos, licenciaturas e formações em Moda, em universidades públicas e escolas privadas, com a criação do Museu do Design e da Moda (MUDE), e o surgimento de dois importantes eventos: Moda Lisboa e Portugal Fashion.

### **Léxico da moda**

O discurso da moda tem como elemento essencial o léxico, adotado para nomear novas peças, tendências, estilos e usos (ORSI; ALMEIDA, 2019). E na língua está, marcadamente, a expressão da moda, sobretudo em seu léxico. Segundo Svendsen (2010, p. 72), “o vestuário compreende um grande número de dialetos, sotaques, arcaísmos, palavras emprestadas e gírias”. Assim, utilizamos, na presente pesquisa, o embasamento da Lexicologia, que se define, para Orsi (2012, p. 164), como “a ciência que estuda as unidades lexicais de uma ou várias línguas, seja no que tange ao significado ou ao significante, isto é, o léxico em todos os seus aspectos”. Vemos ainda, segundo Casadei (2003), que a Lexicologia é o estudo do léxico, o que inclui a sua forma, a sua história, seu significado e seu uso.

Mostramos aqui o léxico relativo à moda e pensamos na possibilidade de elaborar verbetes ilustrados, com vistas à futura publicação de uma obra de consulta, que contemplem as variantes do PB e PE e, por esse motivo, é imprescindível também a contribuição da Lexicografia, ciência responsável por discutir os problemas teóricos e práticos relativos à elaboração e produção de dicionários (BIDERMAN, 2001b, p. 17).

Ambas, Lexicografia e Lexicologia, têm como objeto o estudo da palavra. Vale ressaltar que é notório que a adoção de *palavra* como sinônimo de unidade lexical ou lexia por nós utilizada tem como único propósito a não repetição do mesmo item, sabendo, contudo, que a sua noção se mantém como pré-científica.

Vemos que a moda tem uma particular importância nos nossos tempos e, em especial, nas línguas. Seu universo lexical é muito dinâmico e essa dinamicidade é característica das línguas naturais. E por essa razão, partimos da hipótese de que os itens lexicais referentes à

moda no PE e no PB são diferentes: eles se ligam diretamente ao ambiente em que foram cunhados e em que são usados. Como diremos mais adiante, apesar da grande quantidade de países que adotam a língua portuguesa, as diferenças culturais e línguas previamente existentes em cada um deles dão, a cada uma das variantes, características únicas. Sendo países de inúmeras diversidades, com culturas plurais e enraizadas em diferentes momentos da história mundial, as unidades lexicais se diferem perceptivelmente para referenciar os mesmos objetos da moda.

Para um exame lexicológico, pensando que as lexias são a matéria-prima com que a moda é delineada, partimos da concepção de Antunes (2012, p.22) que as “palavras têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam”, intencionando verificar as diferenças léxico-semânticas do vocabulário da moda em Portugal e no Brasil, apresentamos as diferenças de significado de algumas lexias. Devemos considerar que, apesar de a língua portuguesa ser falada em diversos países como Portugal, Ilha da Madeira, Guiné Bissau, Brasil e Angola, ela não é utilizada de maneira uniforme por todos esses países e falantes. Apesar da mesma origem, cada variante possui as suas características próprias que irão constituir a identidade daquele povo. Essas características específicas de cada variante derivam da influência de línguas nativas já existentes anteriormente, como a indígena, no caso do Brasil. O PE, arcaico, entra, em 1500, em contato com a língua indígena dos nativos e vai se sobrepondo a ela bem como também às línguas africanas, oriundas dos escravos e as italianas, holandesas, alemãs que vem com a chegada dos imigrantes europeus e cria a nossa variante brasileira.

Como lembra Biderman (2001a), com a Semana de Arte Moderna, em 1922, houve a proclamação da independência efetiva da cultura e da língua do Brasil em relação a Portugal. Para a autora, o léxico tem papel fundamental na estrutura e funcionamento da língua porque refere os conceitos linguísticos e extralinguísticos da cultura e da sociedade; por essa razão são bem grandes as diferenças lexicais entre o PE e o PB (BIDERMAN, 2001a, p. 969). Segundo ela, há ausência de equivalência vocabular por conta de dois fatores: a realidade física diversa e a especificidade cultural e histórica (BIDERMAN, 2001a, p. 973), o que gerou norma lexical e usos linguísticos diferentes.

Apesar de a língua ser o português, descreve Melo dos Santos (2014) que “O emprego da língua portuguesa em Portugal e no Brasil apresenta diversos aspectos, que fazem com que as distâncias lexicais e semânticas se tornem mais evidentes” (p. 8) e ainda, “Pode-se perceber que existem diferenças no português de Portugal e no português do Brasil, e que muitas

palavras de uso cotidiano em um país são desconhecidas ou raramente utilizadas em outro” (p. 7).

### **Considerações sobre a metodologia**

Para refletir sobre as diferenças lexicais, recorreremos ao meio de comunicação que se popularizou nos séculos passados e que ainda, mesmo em suas versões digitais, continua influenciando e sendo um grande canal de divulgação, principalmente no mundo da moda: a revista.

Esse tipo de publicação surgiu, em 1667, na Alemanha, como sendo multitemática. A imprensa feminina apareceu no final do século XVII com a publicação semanal no jornal *Lady's Mercury* em Londres e passou a servir como um canal de expressão social, acompanhando as mudanças vivenciadas pelas mulheres da sociedade da época.

Já no século XIX, em 1892, em Nova Iorque, é lançado um pequeno folhetim de aproximadamente 30 páginas, destinado às mulheres da alta sociedade. Assim nasceu a revista *Vogue* que hoje alcança mais de 21 outros países. Com o seu lançamento, a moda se popularizou e, após ser adquirida pelo grupo Condé Nast Publications, passou a ser uma das revistas mais influentes sobre o assunto, tornando-se a “Bíblia da Moda” (MENEQUETE, 2012).

Enquanto a imprensa feminina se consolidava no exterior, no Brasil ela só se estabeleceu a partir da segunda metade do século XX, com a publicação da revista *Vogue Brasil*. A edição nacional surgiu em maio de 1975. Mesmo estando à época, sob a ditadura militar, com a censura da imprensa, leve avanço tecnológico, alta inflação e concentração de renda, a revista *Vogue* conseguiu atrair a atenção de um público disposto a adquirir alguma informação de moda (GUIDINI; ROSOLINO, 2013).

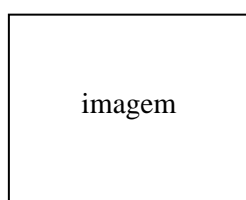
Em Portugal, como dito anteriormente, foi somente na primeira década no século XXI que se deu a efetivação da moda portuguesa, quando, especificamente em 2002, começou a ser publicada em versão lusitana a *Vogue Portugal*.

Tendo em vista a grande importância da revista ao tratar do universo complexo e vivo da moda, delimitamos *Vogue Portugal* e *Vogue Brasil*, em suas versões online, como nosso objeto e cópula. Foi escolhido o recorte temporal de dezembro de 2014 a maio de 2015, totalizando seis meses de publicação. Durante a coleta partindo do PE, ou seja, da revista *Vogue Portugal*, os itens que soavam estranhos ao uso brasileiro eram anotados e inseridos em fichas. Depois, foram buscados os correspondentes na *Vogue Brasil* e, assim, comparados ao PB, com posterior coleta de imagens.

Para dúvidas e cópulas de exclusão, foram usados, para manutenção do ambiente online, os dicionários *Aulete* e *Priberam*. O dicionário *Aulete*, segundo próprio site ([http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital&op=o\\_que\\_e](http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e)), chegou à internet em outubro de 2008 na primeira versão web, o *idicionário Aulete*, com acesso livre na internet, sem download. Nele está o *Dicionário Caldas Aulete* em sua versão original, atualizada para o Brasil, com mais de 200 mil verbetes. Consta que há atualizações constantes e que nele está registrada a língua portuguesa, sem especificações. Já o *Priberam*, foi disponibilizado online pela primeira vez em 1996, tomando por base o *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa*, editado em Portugal. Conforme Adorno (2018, p. 111): trata-se de “um dicionário inicialmente produzido apenas em Portugal”, ou seja, traz a língua essencialmente lusitana. Mas, para o usuário que deseja, é possível realizar a busca selecionando as opções de PE e PB, por meio da seleção de ícones que representam a bandeira dos dois países. Adotamos os dois para dirimir nossas pesquisas pois ambos contêm as especificidades do PB e do PE, com indicações das marcas de usos<sup>2</sup> lusitanismos ou brasilianismos.

Além da recolha dos itens lexicais, propusemos um vocabulário, contemplando a direção PB-PE. Voltamos o nosso olhar às diferenças lexicais existentes para nomear uma mesma peça de vestuário entre as línguas selecionadas. Foram encontrados, no recorte temporal selecionado, um total de 33 itens, dos quais apresentamos somente uma parte em virtude do espaço que seria requerido.

Para a estrutura dos verbetes, seguimos Bugueño Miranda (2019). A macroestrutura do verbete que propusemos incluiu a ordenação pela progressão alfabética, por percebermos ser um formato facilitador ao possível consulente, e uma imagem, retirada da internet<sup>3</sup>, para ilustração. Já a microestrutura do nosso verbete-modelo teve a seguinte configuração:



**UNIDADE LEXICAL DO PB** [informação morfossintática]:  
“contextualização em PB” (fonte)

**UNIDADE LEXICAL EQUIVALENTE DO PE** [informação morfossintática]:  
“contextualização em PE” (fonte)

---

<sup>2</sup> As marcas de uso, segundo Fajardo (1996-1997) são usadas para indicar particularidade de um uso e são usadas aqui como sinônimo de rubrica.

<sup>3</sup> Todas as imagens trazidas advêm do Google imagens.



Como se vê, incluímos na sugestão de equivalente a *lexia* contemplada do PB como entrada, o correspondente no PE e exemplos que possam contextualizar o item e suas fontes. Tomamos tais indicações como suficientes para sanar possíveis dúvidas. Além disso, incluímos uma imagem ilustrativa para assegurar o entendimento do usuário, para mais rápida e efetiva compreensão ou curiosidade do consultor.

Advertimos que a escolha das palavras-entrada se deu exclusivamente em função da contextualização, ou seja, sugerimos como entrada dos verbetes a unidade léxica para a qual encontramos um exemplo possível de contextualizá-la, sem contabilizar o número de suas ocorrências.

Seguem alguns verbetes para demonstração. Neste artigo fazemos abaixo de cada um dos verbetes as considerações sobre semelhanças e diferenças entre as *lexias* coletadas do PE e do PB.



**ANKLE BOOT [s.f/m]:**

“Pense em saia de vinil combinada com top transparente, que deixava à mostra a lingerie, mais ankle boot da marca Alexandre Birman. Uau!”

(<http://voguemagazine.com/moda/gente/noticia/2016/09/isabeli-fontana-aposta-em-look-total-black-super-sexy-para-jantar-na-mfw.html>)

**BOTIM [s. m.]:**

Irreverente e audaz, como é a assinatura de Pugh, a coleção apresenta um modelo de **botim**, "Ascension", com recortes geométricos e plataforma, em cinco variações de cor, incluindo tons metálicos.

([http://www.vogue.pt/moda/acessorios/detalhe/melissa\\_x\\_gareth\\_pugh.html](http://www.vogue.pt/moda/acessorios/detalhe/melissa_x_gareth_pugh.html))

Neste primeiro verbete proposto tem-se *ankle boot*, anglicismo não dicionarizado. Seu uso mais frequente é no feminino (mais de 30 mil ocorrências, segundo o buscador Google, enquanto para o masculino, gira em torno de duas mil). No PE, a forma seria “botim”, de origem espanhola, segundo *Priberam*. Percebe-se que, no PB, optou-se pela forma emprestada do inglês. Conforme Orsi (2015, p. 3): “A difusão dos anglicismos no português pode ser resumida ao fato de que o inglês é considerado a língua das pessoas de sucesso, fácil e de maior eficácia que a língua portuguesa. Independente de como são pronunciadas, são unidades que mantêm na grafia a forma originária, como vemos em *ankle boots*”, muito comum em revistas brasileiras de moda, que tentam se assemelhar às bem sucedidas publicações em língua inglesa. Ao contrário do PB, o PE opta por uma *lexia* também emprestada, mas já incorporada à língua, para indicar bota com cano em torno do tornozelo.





**CADARÇO [s.m.]:**

[...]Com **cadarços** e parte interna totalmente dourado por fora, o novo modelo promete invadir os closets de nomes como Kendall Jenner e Gigi Hadid, fãs assumidas da marca, em breve. [...]

(<http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2015/08/adidas-originals-lanca-versao-dourada-do-tenis-superstar-80s.html>)

**ATACADOR [s.m.]:**

A Nike e a Colette recriam os modelos NikeCourt Zoom Vapor 9 Tour e NikeCourt Tennis Classic, com apontamentos azuis: uma linha azul percorre a costura da sola que se ajusta perfeitamente ao tom azul dos **atacadores** e do símbolo da marca americana, para comemorar o regresso da emblemática tenista. [...]

([http://www.vogue.xl.pt/moda/acessorios/detalhe/nike\\_x\\_colette.html](http://www.vogue.xl.pt/moda/acessorios/detalhe/nike_x_colette.html))

O item do PE “atacador” é dado como sinônimo de “cadarço” no PB pelo *Aulete* e *Priberam*. Não constando como lusitanismo em nenhum dos dois dicionários, apesar de ser estranho a um falante brasileiro e inclusive sinalizado como próprio de cada língua na enciclopédia livre *Wikipedia*. Nela vem bem marcado *cadarço*, com o link do PB, e *atacador*, com link do PE (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cadar%C3%A7o>).



**COURO [s.m.]:**

A bordo de uma saia de **couro** com recorte frontal combinada com t-shirt, a atriz e musa teen exibiu a silhueta curvilínea. [...]

(<http://vogue.globo.com/moda/gente/noticia/2015/03/demi-lovato-aposta-em-saia-de-couro-com-fenda-para-na-california.html>)

**PELE [s.f.]:**

Stan Smith’ por Raf Simons surge com quatro tipos de tratamento de **pele** e numa larga variedade de cores— desde os tons neutros aos amarelo e roxo vibrantes. Os modelos ‘Ozweego II’ e ‘Response Trail II’ ganham versões monocromáticas – a vermelho, preto e branco – e ainda surgem em silhuetas futurísticas, o ‘Response Trail Robot’ e ‘Ozweego Robot’.

([http://www.vogue.xl.pt/moda/acessorios/detalhe/2015\\_01\\_23\\_raf\\_simons\\_x\\_adidas.html](http://www.vogue.xl.pt/moda/acessorios/detalhe/2015_01_23_raf_simons_x_adidas.html))

No verbete acima tem-se “couro”, que é encontrado dicionarizado no *Priberam*, mas, para designar o material que se encontra mais desgastado ou em sapatos. No caso da utilização desse material em roupas há a preferência pela utilização de “pele” no PE. No dicionário *Aulete* aparecem como sinônimos couro e pele.



**JEANS [s.m.]:**

Ninguém discorda que jeans é um dos básicos do guarda-roupas, mas junte a ele outra peça em denim e a equação normalmente costuma ficar mais complicada para a maioria das pessoas. [...]

(<http://vogue.globo.com/Video/Moda/Dicas-Barbaras/noticia/2015/03/jeans-dos-pes-cabeca-no-novo-dicas-barbaras.html>)

**GANGA [s.f.]:**

[...] DIOR HOMME (Paris) - Kris Van Assche reinventa novamente o passado clássico da casa Dior. O ponto forte, uma vez mais, é a mistura ousada do clássico e do casual, onde Van Assche surpreende usando a **ganga** e a pele em looks mais conservadores. [...]

([http://www.vogue.xl.pt/moda/especiais/detalhe/editors\\_pick\\_menswear\\_por\\_dsection.html](http://www.vogue.xl.pt/moda/especiais/detalhe/editors_pick_menswear_por_dsection.html))

“Jeans” consta nos dois dicionários como calça de tecido resistente. Mas para o PE, usa-se “ganga” para as roupas produzidas em jeans. O item é relacionado ao tecido de ganga, parecido com o brim. No *Priberam*, encontra-se a especificação de que ganga é um tecido forte e apenas uma imagem de uma peça jeans no link do site, nada referindo à lexia “jeans”. No dicionário *Aulete*, “ganga” não aparece referido a jeans, apenas referenciando tecido de má qualidade.



**MAIÔ [s.m.]:**

Boas novas para as fãs da A.Brand: a grife lança nesta terça-feira (18.10) sua primeira linha de resort, batizada de Blue, com caftãs, biquínis, cangas, **maiôs**, vestidos e sandálias.

(<http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/10/brand-lanca-sua-primeira-linha-de-resort.html>)

**FATO DE BANHO [s.m.]:**

Em poucas palavras se traduz este shopping: as últimas tendências de **fatos de banho** para mergulhar nas águas este verão, a menos de 50 euros.

([http://www.vogue.pt/moda/shopping/detalhe/ir\\_a\\_banhos](http://www.vogue.pt/moda/shopping/detalhe/ir_a_banhos))

Para “maiô”, galicismo já incorporado ao PB, no *Aulete* é um traje para banho de mar ou piscina. Em “fato”, nada consta sobre fato de banho. Já no *Priberam*, “maiô” é dado como indumentária para atividades como dança, natação ou ginástica (o que não consta no *Aulete*). Para “fato de banho” sim é indicada peça de roupa para tomar banho na praia ou na piscina.



**MOLETOM [s.m.]:**

“Não foram só os *Buggies* da Fendi que ganharam uma coleção de acessórios: o *charm* de Karlito, inspirado na figura do próprio Karl Lagerfeld, que também virou hit do *street style*, agora ganhou uma coleção-cápsula super divertida. Tem **moletom**, jeans, tênis, bolsa e até boné com aplicações de pele colorida”.

(<http://voguemagazine.com/moda/noticia/2015/05/fendi-lanca-colecao-capsula-para-la-de-divertida-inspirada-em-karl-lagerfeld.html>)

**CAMISOLA [s.f.]:**

“Por Laura e pela descontração de uns *mom jeans* e de uma **camisola** de malha Gucci. (<http://www.vogue.pt/paparazzi/lookbook/detalhe/-in-love>)

Para “moletom”, conforme *Aulete*, blusão de algodão, no *Priberam* registra-se tecido de lã ou algodão ou peça feita com esses tecidos. Para “camisola”, o segundo considera peça de roupa, geralmente com mangas, que se veste pela cabeça e que cobre o tronco. O primeiro dicionário apresenta como vestido ou roupa para dormir. Ou seja, pela consulta ao *Aulete* não se consegue depreender que é uma malha de manga longa – um moletom, somente um vestido.

**SAPATILHA [s.f.]:**

“As **sapatilhas** da grife britânica Charlotte Olympia que ela acaba de compartilhar em seu perfil no Instagram, na tarde desta terça-feira (23.01).”(<http://voguemagazine.com/moda/gente/noticia/2014/12/natal-feliz-valesca-popozuda-celebra-data-com-sapatilha-de-mais-de-r-37-mil.html>)



**SABRINA [s.f.]:**

Depois de ter divulgado a sua nova coleção ‘1001 Noites’, as Josefina Sal Azul Persa são a mais recente adição à mais luxuosa das viagens da marca portuguesa, assumindo-se como as mais caras **sabrinhas** do mundo. Inspirada nas fábulas do Médio Oriente antigo, a coleção conta ainda com outros três modelos: Babilónia, Jordânia e Pérsia.

([http://www.vogue.xl.pt/moda/noticias/detalhe/josefinas\\_sal\\_azul\\_persa.html](http://www.vogue.xl.pt/moda/noticias/detalhe/josefinas_sal_azul_persa.html))

“Sapatilha”, sapato flexível e macio, que toma seu modelo emprestado das profissionais do balé, conforme o *Aulete*. No *Priberam*, pode ser, além do sapato flexível, do calçado de bailarinos, como consta no *Aulete*, tênis esportivo, como indica a imagem do link no site, e que não aparece no *Aulete*. Já “sabrina”, sem registro no *Aulete*, consta no *Priberam* como sapato de sola fina e com abertura oval.



**TERNO [s.m.]:**

“Usar **terno** todos os dias é uma realidade para muitas mulheres, mas isso não precisa ser sinônimo de monotonia. [...]”

(<http://vogue.globo.com/Video/Moda/Dicas-Barbaras/noticia/2015/02/aprenda-tres-maneiras-de-atualizar-o-look-com-terno-no-dicas-barbaras.html>)

**FATO [s.m.]:**

O look chave da estação são os  **fatos** e casacos lavados, parte da linha Dielmar Weekend Cotton, que surgem sem ombreiras e não-estruturados, sem construção interior. Os materiais eco-friendly, com primazia para o algodão 100% puro ou mesclado com linho ou seda, são ideais para ocasiões casuais e descontraídas, como pede a estação.

([http://www.vogue.xl.pt/colecoes/pret\\_a\\_porter/primavera\\_vera\\_o\\_2015/detalhe/dielmar\\_portugal\\_fashion\\_sprinkle.html](http://www.vogue.xl.pt/colecoes/pret_a_porter/primavera_vera_o_2015/detalhe/dielmar_portugal_fashion_sprinkle.html))

O último verbete apresentado é “terno”. Para *Aulete*, peça do vestuário masculino composto de calça, paletó e colete. Para *Priberam*, com a marca de uso brasileiro, consta a mesma acepção do *Aulete*. “Fato”, no *Aulete*, está registrado como lusitanismo para terno e no *Priberam*, indumentária completa, com paletó, colete e calças. Vê-se, então, que só com as rubricas é possível entender que se refere ao PB ou ao PE.

Dentre outros itens do *cópus*, mas para as quais não trouxemos os verbetes devido ao limite de espaço, há unidades que apresentam pequenas diferenças morfológicas, sem alteração semântica. Um dos casos é “cinto de ligas”, que mantém a partícula “de” na variante europeia, porém, no Brasil essa partícula é substituída pelo hífen, indicando a união semântica, “cinta-liga”.

Há também “unissexo” no PE, enquanto no PB é usado “unissex”. Apesar de a diferença entre eles ser a última vogal, isso demonstra que houve, no caso da variante lusitana, somente a justaposição do prefixo “uni-” significando algo compartilhado, para ambos os sexos.

Curiosa também é a utilização do vocábulo “*passerelles*”. Apesar de ser possível a utilização de “passarela” e esta constar no dicionário *Priberam*, notamos que há uma preferência pelo uso do francês, sendo 10.500.000 resultados na busca pelo <https://www.google.pt/>. Enquanto no PB só há frequência da forma “passarela”.

### Considerações finais

Pelos verbetes apresentados confirma-se que, apesar de a língua portuguesa ser falada em diversos países, não é utilizada de modo uniforme. Cada variante possui as suas características próprias que irão constituir a identidade daquele povo – ou seja, seu traço

definidor – “pois a identidade de um indivíduo tem vínculos com suas línguas e com o sentimento de pertença a determinado grupo humano [...]. A identidade, em última instância, não existe a priori, é formada e definida historicamente e é plural”, segundo Frosi (2013, p. 101).

Essa formação se dá pela consolidação do léxico. Conforme Villalva e Silvestre (2014), pode-se considerar que, dentro do léxico, o significado das palavras fundamentais encontra-se desde o século XIX relativamente estável. As inovações de cunho terminológico, por exemplo, aquelas relativas ao universo da moda como vimos aqui, seriam alargamentos semânticos.

Observamos que muitas lexias estão presentes do PB, afinal possuem a mesma origem e até acepções em comum. Porém, vemos que muitos itens lexicais encontrados são aqui menos usuais, “atacador” (PE) para “cadarço” (PB). Outra observação é a de que é comum encontrarmos diferenças semânticas para uma mesma lexia, como no caso de “couro” em PB e “couro” em PE, que indicam um produto final diferente. Elas significam coisas distintas, apesar de fazerem referência a um mesmo material.

Melo dos Santos (2014, p. 8) diz que:

Percebemos que a língua portuguesa, utilizada em textos escritos no padrão normativo nos dois países, não apresenta diferenças estrondosas; portanto, não chega a causar problemas danosos e irreparáveis de interpretação e compreensão, não atrapalhando, bloqueando, nem mesmo distanciando a comunicação existente entre eles.

No entanto, a simples leitura da revista *Vogue Portugal* ou a consulta a sites de lojas varejistas multinacionais com atividades nos territórios português e brasileiro como Zara (<https://www.zara.com/pt/> e <https://www.zara.com/br/>) nos mostra que pode sim haver problemas de compreensão em se tratando do vocabulário da moda e causar ruídos de comunicação, caso não haja imagens que possam esclarecer de que peça de vestuário se trata. Este trabalho, por meio do corpus advindo de revista atual de moda, reforça que “Os termos de vestuário confirmam a hipótese de divergência” (SOARES DA SILVA, 2016, p. 9) entre os PB e o PE. Ao contrário do que se dá, por exemplo, no âmbito lexical, com itens do universo do futebol, que, ainda segundo o retromencionado autor, sofre convergência.

É certo que a estrutura sobre a qual ambas estão apoiadas não deixa de ser única, mas na moda fica evidente o distanciamento léxico-semântico e se possa dizer que há duas línguas. Melo dos Santos (2014, p. 8) diz ainda que o “português do Brasil vai, com o tempo, apresentar um conjunto de características não encontráveis no português de Portugal, da

mesma maneira que o português, em diversas outras regiões do mundo, terá também características específicas”. Concluímos que ao menos no campo lexical, especialmente para nomear as vestimentas e os acessórios, já existem estabelecidas especificidades e outra língua divergente, o que torna o estudo comparativo do PE e do PB interessante e relevante no campo lexicológico.

## Referências

- ADORNO, G. Visualizar, ler e compreender o dicionário Priberam: divisões políticas da língua no limiar do linguístico e do visual. **Línguas e Instrumentos linguísticos**, v. 42, p. 98-138, 2018.
- ANTUNES, I. **Território das palavras**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BARTHES, R. **Imagem e moda**. Vol. 3 São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BIDERMAN, M. T. C. O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e contrastes. **Revue belge de philologie et d'histoire**. Langues et littératures modernes - Moderne taal- en letterkunde, Tome 79, fasc. 3. p. 963-975, 2001a.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- BRANDINI, V. Cultura de Consumo e Modernidade no Século XIX. **Signos do Consumo**, v. 1, p. 10-20, 2009.
- BREWARD, C. **The Culture of Fashion**. Manchester: Manchester University Press, 1995.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; BORBA, L. C. (Orgs.). **Manual de (Meta)Lexicografia**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.
- CASADEI, F. **Lessico e Semantica**. Carocci, 2003.
- CHATAIGNIER, G. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- COVERI, L; FIORI, F. Le parole della moda e la carta stampata. *In*: CATRICALÀ, M. (Org.). **Per filo e per segno**. Soveria Mannelli: Rubettino, 2003.
- FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. **Revista de Lexicografía**, v. 111, p. 31-57, 1996-1997.
- FARIAS, L. M. **O Traje e a Moda feminina na arte em Portugal nos séculos XIV e XV: características e representações**. 2017, 90 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Patrimônio) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017. Disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/85608/1/Tese%20Final%20completa-1.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.



FROSI, V. M. A identidade étnica e linguística do ítalo-brasileiro: sua constituição e reconstrução. **Signum**, Londrina, n. 16/2, p. 101-124, dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/14049/14015>. Acesso em: 22 set. 2020.

GAMEIRO, A. W. R. R. **A Moda e as Modistas em Portugal durante o Estado Novo** – As mudanças do pós-guerra (1945-1974). 2017, 587 f. Dissertação (Mestrado em Arte, Patrimônio e Teoria do Restauro) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/29933>. Acesso em: 16 jun. 2018.

GUIDINI, V.; ROSOLINO, M. J. A revista Vogue brasileira como precursora de novos modelos e conceitos de moda e sua relação com a crítica de moda. **Anagrama**, v. 6, n. 4, p. 1-11, abr. 2013.

MELO DOS SANTOS, C. R. Diferenças léxico-semânticas do português do Brasil e de Portugal. **Philologus**, Rio de Janeiro, ano 20, n. 59, p. 7-12, maio/ago. 2014.

MENEGUETE, A. **Vogue brasil e sua relação afetiva e emocional com a leitora**. 2012, 50 f. Especialização (Monografia em Especialista em Estética e Gestão de Moda) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moda/monografias/Andreia.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

MICHETTI, M. **Moda brasileira e mundialização: mercado mundial e trocas simbólicas**. 2012, 502 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/5383925/Moda\\_brasileira\\_e\\_mundializa%C3%A7%C3%A3o\\_mercado\\_mundial\\_e\\_trocas\\_simb%C3%B3licas\\_Tese\\_de\\_doutorado](https://www.academia.edu/5383925/Moda_brasileira_e_mundializa%C3%A7%C3%A3o_mercado_mundial_e_trocas_simb%C3%B3licas_Tese_de_doutorado). Acesso em: 16 jun. 2018.

ORSI, V. A presença de empréstimos da língua inglesa na revista brasileira Glamour. *In*: 11º COLÓQUIO DE MODA, 11/8, 2015, Curitiba. **Anais do 11º Colóquio de Moda - 8ª Edição Internacional**. Curitiba, 2015. p. 1-10.

ORSI, V. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? *In*: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Orgs.). **Ciências da Linguagem: O fazer científico?** Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 163-178.

ORSI, V.; CARMO, L. Itens lexicais neológicos e a moda: um estudo ilustrativo da revista L'Officiel Brasil. **Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte**, v. 8, p. 64-74, 2015.

ORSI, V.; ALMEIDA, M. C. Moda e literatura no Brasil: considerações sobre o léxico do século XIX. **Caligrama**, v. 24, p. 193-207, 2019.

PIRES, D. B. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **Revista Nexos: Estudos em Comunicação e Educação**, São Paulo, ano VI, n. 9, p.1-13, 2002.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. Petrópolis: Vozes, 2014.



SOARES DA SILVA, A. Sociolinguística cognitiva e o estudo da convergência/divergência entre o português europeu e o português brasileiro. *Veredas*, v. 10, p. 1-21, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25230>. Acesso em: 16 jun. 2018.

SVENDSEN, L. *Moda: uma filosofia*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VERGANI, G. (Org.). *Dizionario della moda*. Milano: BCD, 2010.

WITTMANN, L; PÊGO; T; SANTOS, D. Português do Brasil e de Portugal: alguns contrastes. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 11, 1995, Lisboa. *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 1995. p.465-487. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/ap195b.ps>. Acesso em: 12 set. 2013.

### Webgrafia

<http://www.aulete.com.br>

<https://dicionario.priberam.org/>

<https://www.vogue.pt/>

<https://vogue.globo.com/>

<https://www.google.com.br/>

<https://www.google.pt/>

### Sobre a autora

*Vivian Orsi* (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-7892-1091>)

Doutora e mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); graduada em Letras pela mesma instituição. Realizou estágio de pós-doutorado na Università degli Studi di Torino. É professora do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto.

Recebido em junho de 2020.

Aprovado em setembro de 2020.